

**“ARQUIVAR A PRÓPRIA VIDA”:
LEITURA FILOLÓGICA
DO ARQUIVO DE ANTONIO CERQUEIRA**

Williane Silva Corôa (UFBA)

willicoroa@yahoo.com.br

Rosa Borges dos Santos (UFBA)

borgesrosa6@yahoo.com.br

1. Considerações iniciais

No âmbito da crítica textual, a busca por materiais que façam alusão a determinada obra constitui-se em atividade que integra o processo de investigação, interpretação e estabelecimento do texto. Quando essa documentação se encontra em arquivo organizado pelo autor, faz-se pertinente uma leitura filológica, para que se possa desvendar como o autor quis “arquivar a própria vida”. Sendo assim, propõe-se, neste trabalho, tratar da importância do arquivo organizado pelo dramaturgo Antônio Cerqueira, observando, em um trabalho que se quer interpretativo, como o escritor faz seu arquivamento. Considerando-se que o arquivo se compõe de matérias de jornal reunidas pelo próprio Antonio Cerqueira, têm-se, na leitura desse arquivo, elementos de grande valia para a prática editorial científica e para melhor conhecimento do processo de transmissão de dada obra.

2. O arquivo e a edição de textos teatrais

Diante da diversidade de papéis produzidos pelos escritores – manuscritos autógrafos, rascunhos, esboços, notícias sobre a recepção da obra, entre outros – a crítica textual ocupa-se de um estudo detalhado desses materiais, a partir de análise dos suportes de escrita, observando as pistas que esses documentos podem dar sobre o processo de construção e recepção das obras. Ao se debruçar sobre a documentação encontrada nos arquivos, o filólogo procura interrogar os documentos para que se possam entender as condições de produção dessa escrita.

No âmbito da pesquisa realizada pela *Equipe Textos Teatrais Censurados* (ETTC), coordenada pela Profa. Dra. Rosa Borges, na UFBA, o arquivo tem função primordial, pois são nesses “lugares de memória” – Espaço Xisto Bahia, Teatro Vila Velha, Teatro Castro Alves, Bi-

biblioteca Pública do Estado da Bahia – que se obtêm os textos que integram o catálogo descritivo digital desenvolvido pela equipe.

A filologia, na perspectiva da crítica textual, dá tratamento aos textos que recupera e atualiza por meio do exercício da edição, do

[...] estabelecimento do texto [...] tarefa para qual convergem direta ou indiretamente todos os esforços do filólogo, consistindo em preparar para o uso do leitor uma cópia de determinado texto, geralmente sob forma de edição crítica (CASTRO, 1995, p. 515).

Os editores de textos modernos devem ter consciência de que estabelecer um texto consiste em prepará-lo a partir de um exemplar criteriosamente escolhido. Porém, a tarefa de estabelecimento do texto não está nunca concluída, dada às especificidades das diversas situações textuais. Fazem ainda uma leitura, uma interpretação da obra e de seus testemunhos no processo de transmissão. Nessa perspectiva, os materiais que se encontram nos arquivos públicos e privados são de grande importância, pois se constituem elementos que veiculam diversas informações sobre o processo de construção, transmissão e recepção das obras.

Integram os arquivos, o texto teatral censurado, recortes de jornais sobre as peças, certificados de censura, rascunhos, anotações manuscritas etc. Esses documentos auxiliam na fixação crítica do texto e oferecerem esclarecimentos dos percursos textuais das peças selecionadas para edição e, além disso, contribuem para a análise da recepção das mesmas. Nesse sentido, muito mais do que peças acessórias ou circunstanciais, os documentos desses arquivos constituem-se em eficientes estratégias textuais integradas à estrutura literária. Assim, busca-se ler o arquivo organizado por Antonio Cerqueira, que contribui de maneira singular para o trabalho de edição dos textos por ele produzidos.

3. *“Arquivar a própria vida”: o arquivo de Antonio Cerqueira*

Antonio Cerqueira, ex-integrante do Grupo Nosso e fundador da Companhia Antonio Cerqueira Produções Teatrais (C.A.C Produções Teatrais), nasceu em Santanópolis, Bahia, a 13 de junho de 1961. Filho de Doralice Freitas de Cerqueira, o dramaturgo saiu de sua cidade natal, e se mudou com a família para Salvador, capital do estado. Fez o ensino médio (antigo segundo grau) no Colégio do Sesí, onde começou a ter contato com o teatro. A trajetória de Antonio Cerqueira como ator, diretor e dramaturgo inicia-se nos anos de 1980. Nesse contexto, realizava com seu grupo de teatro (C. A. C. Produções Teatrais) um teatro de mili-

tância, altamente ligado a causa política, que visava a denunciar as condições sociais em que viviam grande parte da população brasileira. O dramaturgo teve, durante o período da ditadura militar, dois textos vetados em menos de um ano: *Baioneta Sangrenta* (1984) e *Blecaute no Araguaia* (1983), sob a justificativa de incitamento contra o regime militar e ofensa à dignidade ou ao interesse nacional.

Na *recensio*, processo que “estuda a tradição manuscrita ou impressa de um texto” (DUARTE), [199-], levantaram-se dados relacionados aos testemunhos das obras quanto aos elementos paratextuais, que segundo Genette (2006), podem ser uma série de mensagens que acompanham e ajudam a explicar determinado texto. Encontrou-se, dessa forma, no acervo do Espaço Xisto Bahia, uma pasta denominada Antonio Cerqueira, composta por recortes de jornais, que dão conta da carreira do dramaturgo, dentro e fora dos palcos. Ao pesquisar a pasta, verificou-se que alguns dos recortes possuíam assinatura e constavam de carimbo com endereço e CNPJ. As assinaturas são de Antonio Cerqueira e o carimbo é da C. A. C. Produções Teatrais. Segundo informações obtidas através de entrevista, o autor foi responsável pelo envio da pasta para o referido acervo.

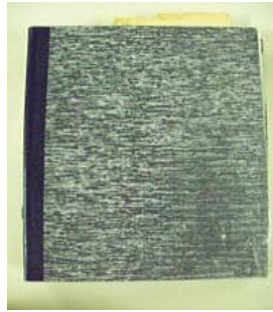


Fig. 01 – Pasta encontrada no Acervo do Estado Xisto Bahia, com recortes de jornais assinados por Antonio Cerqueira

Os documentos que compõem a pasta são recortes de jornais que circulavam na Bahia, no período de ditadura militar, a saber: *A Tarde*, *Jornal da Bahia*, *Correio da Bahia*, *Tribuna da Bahia*. Além de possuir recortes de jornais de outros estados, como Sergipe e Paraíba. Ao todo, são cinquenta e três recortes de jornal, dos quais quarenta e oito não são assinados e dez possuem o carimbo da companhia. Dos seis recortes assinados, um traz, à direita, texto datilografado que trata do Grupo Nosso (cf. **Fig. 03**).

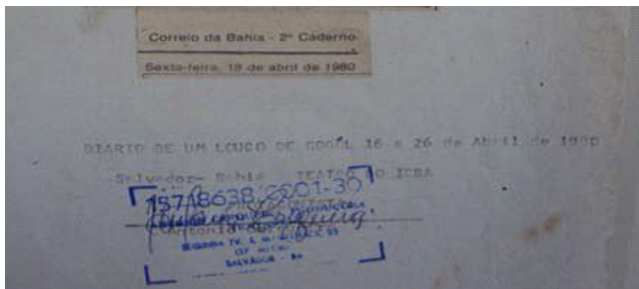


Fig. 02 - Assinatura do autor em um dos recortes de jornais que se encontra no Espaço Xisto Bahia



Fig. 03 - Texto datilografado acompanhado por matéria de jornal

Os recortes dão conta de duas décadas de atuação como dramaturgo: vão de 1979 até 1999. Tratam do início da carreira no teatro, passando por sua participação na Fundação Marcos Medrado como administrador da parte cultural, até a campanha pela reativação do Cine Teatro de Alagados. Os recortes não se encontram em ordem cronológica e a maneira como estão dispostos indicam uma ordem imposta por quem organizou a pasta, revelando o desejo de que aquilo seja lido como se apresenta.

O primeiro recorte da pasta, datado a 05 de maio de 1989, publicado pelo jornal *Tribuna da Bahia*, ilustra a atuação política do teatrólogo, quando este esteve a frente da Fundação Marcos Medrado (FMM), na qual atuava como diretor da parte cultural. O jornal noticia o apoio, o mapeamento e a catalogação dos grupos culturais do subúrbio de Salvador feita pela Fundação. Este primeiro recorte não foi escolhido à toa. Para Marques (2003, p. 147), “as práticas de arquivamento do eu apresentam, [...] uma intenção autobiográfica, evidenciando um movimento de subjetivação”.

Os recortes dão conta de várias atuações do dramaturgo: em alguns ele é descrito como combativo, em outros, como o censurado; outros ainda, como alguém que luta pela popularização das práticas teatrais, pela ampliação e manutenção dos espaços culturais.



Fig. 04 – Recortes de jornais que tratam de Antonio Cerqueira e sua produção.

Assim, nota-se que a prática de arquivamento de si, desenvolvida pelo autor, não tenta de forma nenhuma neutralizar as opiniões veiculadas nos recortes, pelo contrário, o dramaturgo dá ênfase a sua atuação enquanto ator social que luta contra o regime totalitário e seu órgão mais temido: a censura. Segundo Artières (1998, p. 31), “o arquivamento do eu não é uma prática neutra: é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria se visto”.

Ao organizar uma pasta com matérias de jornais que dão conta das apresentações da companhia a qual pertenceu e que delineiam um pouco de sua carreira, Antonio Cerqueira, buscou arquivar-se através destes documentos, organizando assim, uma *coleção de si*, que, segundo Ribeiro (1998, p. 35), “visa a guardar a melhor recordação de si próprio, geralmente graças à mediação socialmente aceita de objetos que ou já se valorizam, ou que um dia irão adquirir maior estima”. De acordo com Artières (1998, p. 11), “o homem passa a maior parte de sua vida arquivando-se”, porém, não é possível arquivar-se de qualquer modo: todo arquivamento exige escolhas e classificação dos acontecimentos que dão sentido a imagem que se quer transmitir. Por isso, “o que os arquivos pessoais podem atestar, o que o desejo de guardar os próprios documentos pode indicar, será esse anseio de ser, *a posteriori*, reconhecido por uma identidade digna de nota” (RIBEIRO, 1998, p. 35).

Esse conjunto de recortes de jornais arquivados pelo dramaturgo veicula uma gama variada de informações que são muito úteis ao trabalho de edição. Para a edição de qualquer texto dramático, deve-se considerar que estes “son efectivamente individuos historicos” (PERÉZ PRIEGO, 1997, p. 36), produto e produtores de cultura. Adentrar no arquivo de Antonio Cerqueira é verificar como o dramaturgo se constrói através dos recortes de jornais. Ao catalogar seus recortes, observando a maneira como a mídia lê sua produção teatral, Cerqueira, sujeito do arquivamento, cria a imagem de si, imagem pela qual pretende ser lembrado. O arquivo se configura, portanto, como uma espécie de narrativa, pois é um conjunto de dizeres sistematizados (MOREIRA, 2008). Dessa forma, arquivar-se é, “uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÉRES, 1998, p. 11).

4. Considerações finais

Ao fazer a leitura filológica dos documentos que compõem um arquivo, o filólogo pode verificar como se engendram os diálogos exis-

tentes entre arquivística literária e crítica textual. A leitura do arquivo de escritor contribui significativamente para crítica textual, pois amplia o olhar do filólogo ao seu objeto, possibilitando vê o texto não como um fim em si mesmo, mas como um “instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época” (SPINA, 1994, p. 82-83).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: Arquivos pessoais, *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 20 abr. 2011.

CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 511-520.

DUARTE, Luiz Fagundes. Glossário. In: _____. *Crítica textual*. Lisboa. Universidade Nova de Lisboa, 199-. 106 p. Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em estudos portugueses, disciplina Crítica Textual, p. 66-90. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/cursos/etexto/glossario/intro.htm>. Acesso em: 26 out. 2010.

MARQUES, Reinaldo. O Arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141 – 156.

MOREIRA, Paula Renata Melo. Espólio de Paulo Leminski: Literatura Contemporânea – Patrimônio Cultural. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 6, 2008, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14358.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2011.

PÉREZ PRIEGO, Miguel Angel. *La Edición de Textos*. Madrid: Síntesis, 1997.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... In: *Arquivos pessoais*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. p. 1483 *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CIEFEL, 2011

ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

sil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42. 1998. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>.

Acesso em: 20 abr. 2011.

SPINA, Segismundo. *Introdução a edótica: crítica textual*. 2 ed. São Paulo: Ars Poética: EDUSP, 1994.